

## “Só me interessa o que não é meu”: Contribuições de uma Teoria Antropofágica para a discussão epistemológica do campo da Comunicação<sup>1</sup>

Luan Correia Cunha SANTOS<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

### RESUMO

Que contribuições uma teoria antropofágica poderia oferecer às discussões e dilemas epistemológicos da comunicação? O presente trabalho busca propor um dos diversos possíveis caminhos que podemos criar entre uma teoria antropofágica e discussões epistemológicas sobre o campo da comunicação. Tomando a Antropofagia não apenas como uma vanguarda artística literária, mas como uma teoria Cultural, como proposto por Oswald de Andrade (2011) e depois reivindicado por João Cezar de Castro Rocha (2011). Neste sentido, encaramos a Antropofagia como uma espécie de guia teórico-metodológico em nossos estudos, rejeitando trajetórias definitivas, mas sim, estarmos abertos ao outro, ao novo e a potência criativa que esta interface nos oferece a partir de sua desestabilização crítica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epistemologia; Comunicação; Antropofagia; Interface.

Uma vez, Oswald de Andrade escreveu, em seu Manifesto Antropofágico “Só a antropofagia nos une” (ANDRADE, 2011, p. 27). Desde então, o conceito Antropofágico, por ele retirado de empréstimo dos rituais religiosos indígenas (MORAIS, 2018), tem ganhado diversas interpretações, desde aquelas que irão considerar a antropofagia como um movimento artístico-literário, uma metáfora para interpretar um *éthos* da cultura brasileira (HAESBAERT, MONDARDO, 2010), uma teoria cultural decolonial de exportação (ROCHA, 2011). Todas essas vertentes têm encontrado uma quantidade relevante de estudos em diversas áreas do conhecimento, desde a Antropologia, Artes, Literatura e História. Mas será possível pensar a antropofagia a partir dos estudos da comunicação? Que contribuições uma teoria antropofágica poderia oferecer às discussões e dilemas epistemológicos da comunicação?

Nesse sentido, o presente trabalho busca propor um dos diversos possíveis caminhos que podemos criar entre uma teoria antropofágica e discussões epistemológicas da comunicação. De antemão, adiantando que, a proposta é mais encarada no aspecto de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 06 – Interfaces Comunicacionais do 20º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 14 a 16 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Profº Me. do Curso de Comunicação Social – jornalismo, da Universidade Federal de Roraima. Doutorando em Ciências da Comunicação no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, email: [luanjack@gmail.com](mailto:luanjack@gmail.com).

propor um debate elencando pontos de contato, a partir de problematizações, do que propondo soluções ou caminhos definitivos. A própria antropofagia, que nos serve também como uma espécie de guia teórico-metodológico em nossos estudos, já nos provoca a não buscar trajetos definitivos, mas sim, estarmos abertos ao outro, ao novo e a potência criativa que este nos oferece a partir de sua desestabilização.

O primeiro passo é definirmos de que teoria antropofágica falamos. Nesta perspectiva, partimos do ponto proposto pelo autor João Cezar de Castro Rocha (2011), que em obra organizada “Antropofagia Hoje: Oswald de Andrade em Cena”, propõe que pensemos o que fora definido por Oswald como uma teoria cultural, e não apenas um manifesto ou vanguarda artística literária engessada no Modernismo brasileiro.

Seu pensamento e suas provocações nos são produtivos: A antropofagia surge do contato, seguido do desconforto, de uma elite intelectual artística brasileira, que ao chegar à Europa, se descobre periférica e brasileira: “Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um ateliê da Place Clichy - umbigo do mundo - descobriu, deslumbrado, a sua própria terra [...] a revelação surpreendente de que o Brasil existia” (PRADO, 1990, p. 57). E essa descoberta se dá na constatação de que a arte e a cultura brasileira eram vistas como algo primitivo e condenado ao fracasso. Talvez uma cópia inautêntica das tendências e modernidades criadas na Europa. Porém, aos modernistas brasileiros, o desajuste da norma, a violação de uma identidade rígida, condenando-a à mistura e recriação, deveria ser celebrado. Assim, foram buscar referências na própria cultura originária brasileira para, então, devolver ao continente europeu uma renovação e outras possibilidades diante de sua degradação moderna.

Entre diversas leituras possíveis, Haesbaert e Mondardo (2010) vislumbram o hibridismo como força e a antropofagia como arma, instigando a recriação constante, “o brotar de um pensamento mítico-poético indomável pelo utilitarismo e a domesticação do pensamento e das identidades euro-colonizadoras” (p. 28). A antropofagia é encarada como face positiva do hibridismo oferecendo o rejuvenescimento de culturas pretéritas e impelindo-as ao novo.

A sociedade antropofágica é fundamentalmente crítica, quando viola o intocável, quando propõe romper os limites e pensar outras possibilidades. A multiplicidade exerce uma condição de existência e de proposições a constantes recriações (HAESBAERT; MONDARDO, 2010). Não há nenhuma pretensão de estabilidade identitária no sujeito

antropófago, pelo contrário, o ser antropofágico é sempre uma identidade à deriva (ROCHA, 2011, p. 654).

Se a intenção dos modernistas era, de alguma forma, romper com as ideias imutáveis de identidade e ao mesmo tempo, oferecer uma teoria cultural com base nos saberes originários brasileiros, por que não nos seria produtivo pensar a antropofagia e sua conexão com estudos epistemológicos da comunicação?

Uma questão que precisamos observar ao pensar uma epistemologia da comunicação a partir de uma perspectiva antropofágica é de que, a antropofagia, enquanto teoria, tem fortes inspirações decoloniais, o que necessariamente nos implica pensar a própria ideia de colonialidade e suas relações de dominação e emancipação.

Podemos compreender o campo científico da comunicação como um campo de forças, em que há dominantes e dominados, relações de desigualdades que se expressam neste território. O campo científico é também um espaço de lutas entre conservar e transformar. E que, por isso, as ações dos sujeitos pesquisadores, estão sempre atreladas a suas posições neste campo, seja num aspecto dominante ou num aspecto dominado (VASSALO DE LOPES, 2007).

Immacolata Vassalo de Lopes, a partir de seus estudos de Bourdieu, nos ajuda a entender que o campo científico se constituiu a partir das chamadas “revoluções ordenadas”, capaz de encontrar na ruptura contínua, a sua verdadeira continuidade. Desta forma, o conhecimento científico não pode assumir um papel dogmático, mas sim, crítico, reservando à si o direito de ser criticada, esmiuçada e reordenada (VASSALO DE LOPES, 2007). Esse pensamento é muito produtivo, especialmente quando buscamos traçar relações com uma teoria antropofágica que propõe, a todo momento, um constante consumo de outras identidades, mas especialmente, a desestabilização crítica criativa.

Podemos compreender que hoje vivemos uma sociedade globalizada que constantemente produz rupturas históricas de amplas proporções e que tem consolidado metamorfoses de objetos de estudos científicos e outras possibilidades de reflexão aos sujeitos, colocando assim novos desafios, não somente metodológicos, mas também teóricos e epistemológicos (VASSALO DE LOPES, 2007).

Assim como a antropofagia, a comunicação nos convida a abrir mão de certezas disciplinares (VASSALO DE LOPES, 2007). Um dos motivos que podemos elencar para isso, é a relação que a comunicação se constitui, desde seu princípio, com outras áreas do

conhecimento. É notória a necessidade de aprender com o outro, assim como compreender que o conhecimento do outro é pertinente na construção do nosso próprio conhecimento.

Pensar a disciplina, no campo da produção de conhecimento científico, como nos indica Martino (2007), significa controlar, estabelecer normas, fronteiras e especificações. Trata-se de selecionar e evidenciar formações discursivas na qual irão se ancorar as compreensões de determinada realidade, em temporalidade específica.

Se encaramos uma diversidade epistêmica na comunicação, assim como uma pluralidade de suas teorias, como então disciplinar sua produção? É necessário estabelecer divisões disciplinares? (MARTINO, 2007).

Se as identidades são definidas a partir da demarcação das diferenças, ou das definições do que é de “dentro” e aquilo que é de “fora”, em relação de inclusão e exclusão, talvez seja nesse ponto que encontremos uma “crise identitária” para o campo da comunicação, uma vez que essas fronteiras, quando existem, aparecem borradas, assim como, se observamos a maneira como a comunicação é disciplinada (especialmente através do ensino), é difícil encontrar um consenso do que é de “dentro” e o que é “fora” (MARTINO, 2007).

Podemos pensar uma teoria antropofágica também a partir de uma perspectiva transdisciplinar. Compreendemos a complexidade como conjunto de princípios de inteligibilidade que, ligados uns aos outros, poderiam determinar as condições de uma visão complexa do universo físico, biológico e antropossocial. Porém, ressaltando que o pensamento complexo só se manifesta à custa de uma recriação intelectual permanente, pois de outro modo arrisca-se a degradar-se, isto é, a simplificar-se (VASSALO DE LOPES, 2007). Desta forma, a complexidade enquanto um paradigma, pode ser encarado a partir de bases epistemológicas antropofágicas .

Também é necessário entender que uma transdisciplinaridade não é exatamente oposto de disciplinas, mas sim, complementar, pois trata-se de um caminho outro tomado a partir de toda a riqueza de saberes produzidos pelas mais distintas disciplinas. Logo, também não é aquilo que ocorre no interior das disciplinas, mas sim quando esta se abre e se volta para fora, quando as transborda para um tipo de conhecimento capaz de tratar das multidimensionalidades dos problemas sociais, pensando um mundo em que a produção de conhecimento seja atópica, em que o lugar é “sem lugar” (VASSALO DE

LOPES, 2007), um saber ser nativo, e ao mesmo tempo exilado, e na condição de exilado, ver e julgar tudo de fora.

Ao tentar pensar, o que ainda não sendo comunicação, seria a base para a comunicação, Braga (2015), recorre a nossa capacidade de imitação/repetição, como sendo uma espécie de código vazio, uma competência processual conjunta sem definição do que pode ou deve ser aí processado. O comportamento se abre para processos externos à estrutura genética, os quais passam a ser buscados no mundo, através de nossas interações, ou constante contato com o outro para nossa devoração. Se pensarmos a partir do autor, e seu conceito para “código aberto”, do ponto de vista da aperfeiçoamento do instinto temos em nosso código genético uma lacuna, este mesmo ponto, pode ser visto como uma capacidade adaptativa, ou criativa e transformadora, uma vez que é flexível e aberta.

O autor argumenta que a sociedade se complexifica à medida em que realiza o movimento dialético entre imitação e invenção, ou entre tentativa de cópia e transgressão antropofágica. Neste sentido, é nas interações, contato com o outro, ou na comunicação, que este código se aperfeiçoa, num imbricado jogo de imitação e transgressão, em que é cada vez mais difícil distinguir abstratamente entre eles. (BRAGA, 2015)

“Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago” (ANDRADE, 2011, p. 27). Somos o outro, porque nossa identidade é sempre negativa. Aberta, nômade, provisória e inacabada. Somos ao mesmo tempo, descentramento, descontextualização e capacidade de distanciar-nos de uma disciplinarização rígida. O que nos faz pensar: nossa identidade está se diluindo antes de formar-se? Pelo contrário, à medida que somos uma não-identidade, recriamos pela mobilidade, transdisciplinaridade, atravessados por outras, numa amálgama de caráter múltiplo e complexo. Antropofágico.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. In: RUFFINELLI, Jorge. ROCHA, João Cezar de Castro. **Antropofagia Hoje: Oswald de Andrade em Cena**. São Paulo: É realizações, 2011. p. 27-32.

Braga, J. L. O grau zero da comunicação. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**. E-Compós, v. 18, n. 2. 2015.

HAESBAERT, R. ; MONDARDO, M. L. . Transterritorialidade e antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana. **GEOgraphia** (UFF), v. 12, p. 19-50, 2010.

MARTINO, Luis Claudio. Uma questão prévia: Existem teorias da Comunicação? In: MARTINO, Luis. **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2007.

MORAIS, Vângela Maria Isidoro de. **Filhos de Deus e Netos de Makunaima: Apropriações do catolicismo em terras macuxi.** Editora CRV: Curitiba. 2018.

PRADO, Paulo. Poesia Pau-Brasil. In: ANDRADE, Oswald. **Pau Brasil.** São Paulo: Globo, 1990.

ROCHA, João Cezar de Castro. Uma Teoria de Exportação? OU: “Antropofagia como visão de mundo”? In: RUFFINELLI, Jorge. ROCHA, João Cezar de Castro. **Antropofagia Hoje: Oswald de Andrade em Cena.** São Paulo: É realizações, 2011. P. 647-668.

ROUANET, Sergio Paulo. Manifesto Antropofágico II. In: RUFFINELLI, Jorge. ROCHA, João Cezar de Castro. **Antropofagia Hoje: Oswald de Andrade em Cena.** São Paulo: É realizações, 2011. P. 49-54.

VASSALO DE LOPES, Maria Immacolata (2007). Comunicação, disciplinaridade e pensamento complexo. In **Anais do XVI COMPÓS, 2007.** Curitiba: Tuiuti/COMPÓS.